

O contributo da biografia para o estudo das elites locais: alguns exemplos

INTRODUÇÃO

A biografia, após um período em que esteve sujeita a vicissitudes de vária ordem — durante o qual praticamente foi votada ao ostracismo —, começa a suscitar interesse, não só da parte do público, como de um número crescente de cientistas sociais. Prova-o, por exemplo, a frequência com que o tema vai aparecendo nos órgãos de comunicação social¹ e na própria literatura especializada², como ainda a sua abordagem em colóquios/congressos, nacionais e internacionais. Recordo, por exemplo, o colóquio efectuado na Sorbonne, em Maio de 1985, dedicado aos «problemas e métodos da biografia» — cujas actas se encontram publicadas³ — e, mais recentemente, o 17.º Congresso Internacional de Ciências Históricas, em Madrid (Agosto de 1990), no qual um dos grandes temas foi precisamente dedicado à «biografia histórica»⁴.

Não é este o local adequado para averiguar os motivos da mencionada alteração de perspectivas. Contudo, acrescentarei, de passagem e muito sucintamente, que se trata sobretudo de reconhecer a insuficiência e as limitações das análises de tipo macro — do ponto de vista económico e social, para não

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

¹ V., por exemplo, o *Público/Magazine* (publicado ao domingo), no qual, sob a rubrica «Retratos» (coordenação de António Barreto-Maria Filomena Mónica), se têm focado, de forma sucinta, as biografias de diversas personalidades.

² Podem indicar-se, entre muitos outros, os seguintes trabalhos: Jean Peneff, *La méthode biographique. De l'école de Chicago à l'histoire orale*, Paris, Armand Colin, 1990; Giovanni Levi, «Les usages de la biographie», in *Annales ESC*, 44.º ano, 1989, n.º 6, pp. 1325-1336; Don Steel, *Discovering Your Family History*, reimp., Londres, BBC Books, 1988; Amadeu Carvalho Homem, *A Ideia Republicana em Portugal. O Contributo de Teófilo Braga*, col. «Minerva-História», 2, Coimbra, 1989, parte 1, pp. 1-89 («Para uma biografia de Teófilo Braga»).

³ *Problèmes et méthodes de la biographie. Actes du colloque. Sorbonne 3-4 mai 1985*, Paris, Publ. da Sorbonne/Histoire au Present, 1985 (doravante referenciado apenas por *Problèmes et méthodes*).

⁴ *17.º Congrès International des Sciences Historiques, 1, Grands thèmes. Méthodologie. Sections chronologiques. Rapports et abregés*, Madrid, Comité International des Sciences Historiques, 1990, pp. 207-225.

falar de outros —, quando usadas de modo exclusivo. Como é do conhecimento geral, aquelas privilegiam o colectivo, as massas, os fenómenos de recorrência, reservando um espaço reduzidíssimo — ou mesmo nulo — ao indivíduo, ao homem como pessoa — e não apenas como membro de um grupo —, o qual constitui precisamente a essência do objecto, quando se trata da biografia. Como sublinhou recentemente Giovanni Levi, hoje encontramos numa fase intermédia. Assim, já não é possível — ou, pelo menos, desejável — investigar a vida de um homem, abstraindo de todo o evento histórico, ou, ao invés, explicar um acontecimento histórico, fazendo tábua rasa dos destinos individuais⁵.

De acordo com o exposto, parece-me justificada a associação feita no presente trabalho entre, por um lado, a história das elites, eminentemente social, e, por outro, a biografia, ou seja, por definição, a história dos indivíduos.

1. A BIOGRAFIA COMO GÉNERO HISTÓRICO

No que respeita à relação da biografia com a história, não há unanimidade entre os autores. Para uns, a biografia é um domínio menor do conhecimento histórico, visto não proporcionar a quantificação e a generalização, aspectos frequentemente considerados como caracterizadores da própria ciência e, *pour cause*, também da ciência histórica. Determinados historiadores, pertencentes ao chamado grupo dos *Annales*, não se afastaram muito desta posição. Outros, por sua vez, não só se apresentam menos críticos em relação ao papel da biografia, como consideram que, por seu intermédio, se poderá valorizar o «qualitativo» e o «individual» em história — como sublinha Michel Vovelle⁶ —, contrabalançando-se, assim, um certo pendor demasiado quantitativista verificado em certos meios. Outros autores vão ainda mais longe. É o que sucede com o Prof. P. B. Waite — um dos participantes no já referido 17.º Congresso Internacional de Ciências Históricas —, para quem «a biografia é realmente o principal género da ciência histórica porque esta é elaborada pelo povo, por pessoas»⁷. Ao aceitar-se a biografia como género histórico, admite-se, igualmente, um alargamento da sua função. Assim, «deve propor-se-lhe como finalidade o esclarecimento recíproco do indivíduo e do seu tempo, a articulação de um destino particular, isto é, de escolhas pessoais, de uma liberdade concreta, sobre um conjunto de constrangimentos [e ou estímulos] de toda a ordem — tanto mentais como materiais — impostos pela época e pelo meio»⁸. Como destaca R. Handourt-

⁵ G. Levi, *op. cit.*, p. 1325.

⁶ Michel Vovelle, «De la biographie à l'étude de cas», in *Problèmes et méthodes*, p. 192.

⁷ 17.º Congrès International des Sciences Historiques, I, p. 220 (tradução minha, como nas restantes citações efectuadas no texto).

⁸ Jacques Verger, «Un essai de biographies croisées (Saint Bernard/Abélard) et ses enseignements», in *Problèmes et méthodes*, p. 79.

zel, «o historiador biógrafo parece condenado a obrigar o seu barco a navegar entre a conjuntura e a estrutura, entre a micro e a macro-história, idubitavelmente para grande benefício da sua investigação»⁹.

Ao falar-se de biografia, convirá acrescentar algo sobre as diversas possibilidades de que o respectivo método se reveste. Tratar-se-á de diferentes paradigmas ou modelos ou, simplesmente, de diversas perspectivas de análise? Independentemente da resposta a dar a esta questão, o certo é que se pode fazer: biografia de várias maneiras. Uma primeira tipologia — um tanto esquemática — aponta para duas modalidades, consoante a tónica é colocada no indivíduo — biografia linear, do nascimento à morte, com o mínimo de referências ao contexto histórico — ou num quadro histórico mais amplo. Neste último caso, poderá falar-se de fresco histórico, «onde a referência biográfica não é senão um pretexto para reunir painéis verosímeis, evocar a sociedade do tempo e os seus quadros de vida»¹⁰. Todavia, mais completo e mais operacional — por contemplar um maior número de hipóteses — é o ponto de vista de G. Levi, ao considerar a seguinte tipologia de modalidades biográficas:

- a) *Prosopografia e biografia modal*. Nesta óptica, as biografias individuais só têm interesse enquanto ilustram comportamentos ou aparências ligados às condições sociais estatisticamente mais frequentes. A biografia perde, assim, algo da sua especificidade, uma vez que os dados que fornece são utilizados para fins prosopográficos;
- b) *Biografia e contexto*. Neste caso, a biografia conserva a sua peculiaridade. Contudo, «a época, o meio e o ambiente são fortemente valorizados, como factores suficientes para caracterizar uma atmosfera que explicaria os destinos na sua singularidade»;
- c) *A biografia e os casos-limite*. Por vezes, as biografias são directamente utilizadas para esclarecer o contexto. «Neste caso», salienta o autor citado, «o contexto não é compreendido na sua integridade e na sua exaustividade estatística, mas através das suas margens.»;
- d) *Biografia e hermenêutica*. A antropologia interpretativa tem sublinhado o acto dialógico. Consequentemente, «o conhecimento não é o resultado de uma simples descrição objectiva, mas sim de um processo de comunicação entre duas pessoas ou duas culturas»¹¹.

Esta, a que podemos chamar «nova biografia»¹² — dadas as potencialidades de que se reveste e as modalidades que pode assumir —, encontra-se, deste modo, no cerne de questões históricas muito complexas, designada-

⁹ Rémy Handoutzel, «Sur les trajectoires individuelles dans la vie politique», in *Problèmes et méthodes*, p. 91.

¹⁰ J. Verger, *op. cit.*, p. 79.

¹¹ G. Levi, «Les usages de la biographie», *op. cit.*, pp. 1329-1333.

¹² Note-se, todavia, que as raízes da «nova biografia» remontam aos inícios dos próprios *Annales* (cf. *Problèmes et méthodes*, p. 134).

mente no que se reporta aos seguintes factores e ao modo como se articula: individual/colectivo; liberdade/constrangimentos (físicos, psicológicos e sociais); tradição/inação; homem/meio envolvente; desafios/respostas individuais¹³.

2. BIOGRAFIA E PROSOPOGRAFIA NO ESTUDO DAS ELITES

Entre a história — estudo dos homens em sociedade, como gostava de afirmar Marc Bloch — e a biografia — estudo do homem do ponto de vista individual — há como que um meio termo, que tem vindo a ser divulgado sob a designação de *prosopografia*. Não obstante as suas potencialidades, trata-se de uma modalidade ainda pouco praticada e, conseqüentemente, só raras vezes focada sob a perspectiva teórico-metodológica. Contrariamente à biografia e à autobiografia — que constituem os temas fulcrais da literatura especializada —, a prosopografia só muito ocasional e fugazmente é tratada¹⁴.

Poder-se-á, entretanto, perguntar: que deve entender-se por «prosopografia»? Hubert Bonin, numa interessante comunicação em que aborda a função da biografia na história económica e contemporânea, define prosopografia como «a reconstituição de um conjunto de biografias, para detectar as características de um grupo social ou profissional»¹⁵. Verifica-se, assim, que para o estudo das elites — tema central deste nosso colóquio —, além da biografia propriamente dita, a prosopografia poderá desempenhar um papel extraordinariamente significativo. Incidindo sobre vários indivíduos — diferentemente da biografia, que foca, em separado, cada um daqueles —, «trata-se de, a partir de personalidades, preparar a definição dos tipos, fazer sobressair os traços comuns e as diferenças — a partir do singular, fazer do 'singular plural'»¹⁶. Como se verifica pelo exposto, prosopografia e biografia podem e devem associar-se a fim de se complementarem. Mais ainda: se a biografia pode prescindir da prosopografia — por se confinar a um único indivíduo —, a prosopografia tem necessariamente de partir da biografia, de casos individuais, para seguidamente focar o respectivo grupo em que

¹³ Para alguns dos referidos factores, também já G. Levi chamou a atenção (G. Levi, *op. cit.*, p. 1333).

¹⁴ Atente-se no seguinte exemplo: em *Problèmes et méthodes de la biographie* (cf., *supra*, nota 3), além de uma ou outra alusão ocasional à «prosopografia» (v., entre outras, p. 182), só uma pequena comunicação tem por título a referida temática (Claire Sotinel, «Prosopographie et biographie», in *Problèmes et méthodes*, pp. 149-151), reduzindo-se a própria bibliografia aí indicada (em notas, no final do capítulo) a três títulos. Alguns estudos prosopográficos têm tido por objecto a história romana e, mais recentemente, a história contemporânea (J. Andreau, «Prosopographie», in André Burguière (dir.), *Dictionnaire des sciences historiques*, Paris, PUF, 1986, pp. 546-548).

¹⁵ Hubert Bonin, «La biographie peut-elle jouer un rôle en histoire économique contemporaine?», in *Problèmes et méthodes*, pp. 182-183.

¹⁶ L. Bergeron e G. Chaussinand-Nogaret, *apud* J. Andreau, «Prosopographie», *cit.*, p. 546.

aqueles estão integrados. Em certo sentido, poder-se-ia dizer que a prosopografia é uma espécie de «biografia colectiva». Escusado será afirmar que tanto a biografia como a prosopografia podem desempenhar um papel da maior relevância para se obter um conhecimento mais completo das elites. Estas, actualmente — mercê, entre outros factores, das transformações operadas nas últimas décadas do ponto de vista historiográfico —, apresentam-se em segmentos muito diversificados, contemplando não só os tradicionais estratos político-militares, como outros ligados a diversas esferas de actividade, independentemente do âmbito — nacional, regional e local — da sua acção. Daí as considerações que se seguem sobre alguns elementos concretos de elites locais.

3. AS ELITES LOCAIS, ESSAS DESCONHECIDAS

Nos exemplos a seguir focados utilizo o termo «elite», em vez de burguesia (expressão demasiado vaga), classe dominante ou classe dirigente, em virtude de aquele se adequar mais à realidade local, multifacetada por natureza. Sigo, deste modo, a perspectiva preconizada por Christophe Charle, ao declarar: «Passa-se da macro-história social, útil para os grandes desbravamentos dos anos sessenta para o quadro regional ou departamental, à micro-história social, procurando a charneira entre o político, apreendido até então em termos de opinião (geografia eleitoral) ou de indivíduos (história política clássica), e o social, surpreendido em termos de 'massas' ou de 'rostos'¹⁷.»

Em trabalho sobre uma empresa vidreira da Marinha Grande (*Santos Barosa — Vidros, S. A.*), a publicar brevemente no âmbito das comemorações do seu centenário, foi possível, através dos métodos biográfico e prosopográfico, detectar alguns aspectos importantes para o conhecimento histórico da referida organização. Assim, sob o ponto de vista da biografia, foi possível investigar a origem do apelido «Barosa», a importante acção do seu principal fundador — José dos Santos Barosa (1855-1923) —, bem como a sua experiência profissional, anterior à fundação da empresa (1889). Aquela, contrariamente ao que era admitido pela tradição mais comum, reportava-se à contabilidade e a outros serviços de escritório, bem como ao comércio, e não à indústria vidreira, no sentido restrito do termo. Todavia, como será oportunamente divulgado, além da sua dinâmica actividade industrial, destacou-se como autarca, em todas as grandes iniciativas tomadas em prol da Marinha Grande, desde os anos 90 até próximo do seu falecimento, em 1923.

Seguindo o método da prosopografia, foi possível seguir, a nível de gestão, o papel decisivo da dinastia «Santos Barosa», actualmente na quarta

¹⁷ Christophe Charle, *Les élites de la République (1880-1900)*, Paris (?), Librairie Arthème Fayard, 1987, pp. 10-11.

geração. Não obstante as diferenças de método e de formação básica escolar dos seus membros — cujo leque abrangerá todos os graus, desde, muito provavelmente, a instrução primária ao doutoramento —, os respectivos gestores dedicaram-se afincada e denodadamente à empresa, pelo que esta se apresenta, actualmente, como um interessantíssimo estudo de caso, a seguir na sua evolução histórica¹⁸.

Seria interessante prosseguir este estudo, alargando-o a outros elementos da elite industrial marinhense — tanto do vidro como dos moldes, desde os «Galo», os «Beltrão», os «Roldão» e os «Abrantes» (estes do subsector dos moldes) a tantos outros. Também a investigação sobre a «elite» (mais conhecida por «aristocracia») operária muito poderá beneficiar com o recurso à biografia e à prosopografia¹⁹.

Passando a outro importante ramo industrial — a cerâmica —, também neste domínio há muito que pesquisar, não só em relação a alguns elementos da respectiva elite já conhecidos — como sucede, sob certas perspectivas, com os Pinto Basto, da Vista Alegre²⁰ —, como quanto a outros de que pouco ou nada se sabe.

Entre os empresários da indústria cerâmica mais dinâmicos e bem sucedidos das últimas décadas do século XIX e inícios do século XX encontra-se António Almeida da Costa (1832-1915). Fundador da importante Fábrica das Devesas (1865), em Vila Nova de Gaia, e da sua filial na Pampilhosa (1886)²¹, a sua acção ultrapassou o estrito domínio da indústria — onde, aliás, exerceu obra notável —, para se dilatar à política económica e ao fomento da actividade artística. Travou correspondência — ainda inédita — com Oliveira Martins, dando-lhe sugestões sobre a reforma pautal de 1892 e as novas tabelas da contribuição industrial. A propósito, em carta de 4 de Junho de 1893, escrevia António Almeida da Costa ao autor do *Portugal Contemporâneo*: «A muita benevolencia em que V. Ex.^{cia} tem dignado despensar-me [sic] anima-me, ainda que a meu pezar, a ir incomodar V. Ex.^{cia} uma vez mais. As tabellas da contribuição industrial, ultimamente apresentadas pelo nobre ministro da fazenda ás côrtes, oneram d'uma maneira espantosa a

¹⁸ Sobre a dita empresa podem ver-se desde já alguns dados em José M. Amado Mendes, *Um Século na Indústria Vidreira*, Lisboa, Santos Barosa, 1989. A obra referida no texto acaba de ser publicada (Março de 1992).

¹⁹ À referida «aristocracia operária» já Maria Filomena Mónica dedicou um interessante e elucidativo trabalho, intitulado «Poder e saber: os vidreiros da Marinha Grande», in *Análise Social*, vol. xvii, 1981, n.ºs 67-68-69, pp. 505-571.

²⁰ Além da obra publicada por alturas do seu centenário (1924), de João Teodoro Ferreira Pinto Basto, *A Fábrica da Vista Alegre. O Livro do seu Centenário. 1824-1924*, Lisboa, 1924, v. Ilda Arez et al., *Vista Alegre. Porcelanas*, com introdução de Borges de Macedo, Lisboa, ed. INAPA, 1989.

²¹ Referi-me já ao assunto, de forma mais desenvolvida, numa comunicação apresentada às «Jornadas sobre o Barro», realizadas na Pampilhosa, em 20 de Outubro de 1990 (José M. Amado Mendes, «Cerâmica e património industrial. O caso da Pampilhosa», in *Pampilhosa. Uma Terra e Um Povo*, n.º 10, 1991, pp. 59-76).

industria da fabricação de telha e tijolo a vapor. Actualmente pago por cada operario 1:120 reis e por cada cavallo de vapor 3:000 reis e pela nova tabella tenho de pagar por cada operario 1:600 reis e por cada cavallo de vapor 4:500 reis, ou sejam mais por cada operario 480 reis e por cada cavallo de vapor 1:500 reis!!!» Seguidamente propõe «que a taxa que a telha e o tijolo tiver de pagar seja fixa e certa, porque tanto o pessoal como os cavallo [sic] de vapor a empregar é incerto, porquanto há diversos períodos no anno, especialmente no inverno, em que a fabricação quase que é nulla, havendo mesmo meses em que se não fabrica cousa alguma»²².

O dito empresário acolheu também na sua Fábrica das Devesas muitos artistas portuenses — em especial escultores — tendo subsidiado, inclusive, um estágio em Paris do (posteriormente famoso) escultor António Teixeira Lopes, filho do seu sócio — e também artista —, José Joaquim Teixeira Lopes²³. Ao tempo a cerâmica de construção, em muitos dos seus artigos, apresentava ainda grande profusão de elementos artísticos. Por tal motivo, a associação entre as belas-artes e as artes aplicadas — já preconizada no século XVIII pelos enciclopedistas²⁴ —, patente nas fábricas de cerâmica das Devesas e da Pampilhosa, teve em António Almeida da Costa — também conhecido por «Costa das Devesas» — um defensor entusiasta. O pequeno opúsculo que Romero Vila dedica à empresa e ao seu fundador e principal dinamizador, intitulado *A Fábrica do Costa das Devesas*, apesar de fornecer alguns elementos elucidativos, é manifestamente exíguo²⁵. Dadas as relações, do ponto de vista da cerâmica, entre Gaia e o entroncamento ferroviário da Pampilhosa, seria do maior interesse estudar a elite que, ao longo de cerca de um século, tanto contribuiu para desenvolver aqueles dois importantes centros, no que concerne à indústria cerâmica.

Nas primeiras três décadas do nosso século constituíram-se dois outros centros de cerâmica, respectivamente, nos lugares de Estrela de Alva, concelho de Penacova, e Taveiro, concelho e subúrbios de Coimbra. Fundaram a primeira unidade — Estrela de Alva —, em 1903, Alípio Barbosa de Oliveira Coimbra, médico, e seu irmão, Augusto Barbosa de Oliveira Coimbra, que exercia as funções de professor primário em Figueira de Lorvão²⁶. Neste caso concreto, não é possível diferenciar os «intelectuais» da «elite» — tema abordado, entre outros autores, por Christophe Charle²⁷ —, dado

²² Biblioteca Nacional de Lisboa, esp. E20, de Oliveira Martins.

²³ *Ibid.*

²⁴ Cf. José M. Amado Mendes, «A enciclopédia como fonte para a história da indústria», in *Revista Portuguesa de História*, t. XXIII, *Actas do Colóquio «A Revolução Francesa e a Península Ibérica»*, Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1987, pp. 81-90.

²⁵ Romero Vila, *A Fábrica do Costa das Devesas*, Gaia, Associação Cultural «Amigos de Gaia», 1979 (15 páginas inum.).

²⁶ Manuel Ayres Falcão Machado, *Fábrica de Cerâmica Estrela de Alva. Meio século ao serviço da economia nacional. 1904-1954*, Coimbra, 1954, p. 21.

²⁷ Christophe Charle, *Naissance des «intellectuels», 1880-1900*, Paris, Ed. de Minuit, 1990, cap. 2, pp. 65-93 («Intellectuels» ou «élite?»).

que os ditos empresários foram uma e outra coisa. Aliás, o primeiro, apesar de se ter licenciado em Medicina, foi um autêntico e esclarecido gestor, tendo-se, inclusive, deslocado à Pampilhosa e, posteriormente, ao estrangeiro, a fim de visitar fábricas de cerâmica. Da sua viagem ao estrangeiro deixou uma interessante descrição, com considerações úteis sobre alguns dos bloqueios com que a indústria cerâmica se debatia em Portugal²⁸.

Na indústria têxtil há a destacar em Coimbra, entre outros membros da respectiva elite, Vitorino Planas Dória —que no final da primeira década do nosso século frequentou o Instituto Superior Têxtil de Leeds, na Grã-Bretanha—, ligado, cerca de meio século, à Fábrica de Lanifícios de Santa Clara, bem como Aníbal de Lima, Fânzeres (indústria de malhas) e outros. Relativamente à indústria dos sabões, seria do maior interesse investigar a dinastia dos Martas, cujo primeiro capitão de indústria, Augusto Luiz Martha, fundou uma fábrica em Santa Clara (Coimbra) em 1871, a qual ainda se encontra em laboração²⁹.

Finalmente —para não me alongar demasiado—, seria também do maior interesse investigar, através de metodologia actualizada, uma outra elite de Coimbra, ou seja, a dos livreiros-editores, para não falar nos próprios industriais/empresários de artes gráficas³⁰. Quanto àqueles —livreiros-editores—, na transição do século XIX para o século XX destacou-se, não só em Coimbra como a nível nacional, Francisco França Amado (1859-1942). Ao consultarem-se livros então publicados, é muito frequente encontrar-se a chancela «França Amado, Editora», da qual ainda existe como que uma sucessora sob a firma «Armérico Amado, Sucs.».

Não obstante o nome do referido livreiro-editor já constar da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*³¹ e de dispormos de outros elementos sobre a sua biografia³², seria de bastante interesse conhecer algo mais sobre

²⁸ «Impressões de viagem», *Comarca de Arganil*, n.º 1328, de 9 de Dezembro de 1926. A publicação das referidas «impressões» prosseguiu, tendo sido completada em 17 de Março de 1927.

²⁹ Com a manutenção das suas duas linhas de fabrico —uma tradicional e outra actualizada— em actividade, o referido património revela-se de excepcional valor cultural, espécie de «museu vivo», localizado nas próprias instalações fabris.

³⁰ Não obstante já existirem alguns elementos, por exemplo, n' *O Conimbricense* e em José Pinto Loureiro, «Livreiros e livrarias de Coimbra», in *Arquivo Coimbrão*, vol. XII, 1954, pp. 69-171.

³¹ «França Amado (Francisco)», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XI, reimp., Lisboa-Rio de Janeiro, Ed. Enciclopédia, s. d., p. 764.

³² José Pinto Loureiro, *op. cit.*, pp. 147-148 e 156-159; Aníbal Pinto de Castro, *António Nobre, Alberto de Oliveira e o Editor França Amado. Correspondência Inédita, Coimbra, 1979*, sep. do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXXIV, 2.ª parte; *Um fideicomisso no Direito Civil Francês [...]*, Coimbra, Tip. da Gráfica de Coimbra, 1935; *Ao público. Questão levantada pelo administrador da Universidade de Coimbra, o sr. Bacharel Albino de Mello contra França Amado, livreiro editor, sucessor da Casa Orcel (Documentos)*, Coimbra, Tipografia de F. França Amado, 1894, e *O Conimbricense*, n.os 4582, de 1/8/1891, e 4781, de 8/7/1893.

a trajectória de Francisco França Amado. A propósito da sua importante actividade destacou José Pinto Loureiro: «[...] marcou considerável posição como livreiro-editor, dele podendo dizer-se que, enriquecendo-se, muito contribuiu para enriquecer a cultura nacional e para que o ramo de negócio a que se dedicara atingisse um nível talvez nunca igualado, nem anterior nem posteriormente, por um comerciante em nome individual³³.»

Para a elaboração de uma biografia mais completa do referido livreiro-editor devia adoptar-se um plano do qual constassem, entre outros, os seguintes tópicos:

- Origens, aliás modestas, em Sobral de Ceira, aldeia do concelho de Coimbra;
- Formação escolar, da qual, até ao presente, pouco ou nada se sabe;
- Experiência profissional, como caixeiro de livraria e, posteriormente, livreiro e livreiro-editor;
- Papel desempenhado como editor, no que se refere aos vários tipos de obras.

O seu papel, por exemplo, na publicação da 1.ª edição de o *Só*, de António Nobre, foi decisivo³⁴. Elucidativo seria também estudar, entre outros factores, o seu empenho em promover a sociabilidade entre as elites coimbrãs e os próprios intelectuais, inclusivamente através das festas que oferecia no seu «chalé», localizado na freguesia de Castelo Viegas, alcandorado em lugar espectacular, sobre os campos do rio Ceira.

Poderia indicar muitos outros. No entanto, julgo que, através dos exemplos apontados, se compreenderá melhor o qualificativo aplicado, no título da presente alínea, quando se alude às «elites locais, essas desconhecidas». É que, sobre estas, são mais as interrogações do que as certezas³⁵, particularmente se essas elites nunca ultrapassaram o quadro local ou se nunca se guindaram às altas esferas políticas.

³³ José Pinto Loureiro, «Livreiros e livrarias de Coimbra», cit., p. 156.

³⁴ Aníbal Pinto de Castro, *António Nobre, Alberto de Oliveira e o Editor França Amado. Correspondência Inédita, Coimbra, 1979*, pp. 7-26, sep. do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXXIV, 2.ª parte.

³⁵ Ressalve-se, contudo, algo que já vamos conhecendo, particularmente se se trata de alguns grandes empresários. (cf., por exemplo, Maria Filomena Mónica, *Os Grandes Patrões da Indústria Portuguesa*, Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1990).